

## RESILIÊNCIA PSICOLÓGICA FRENTE AO CÂNCER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

**PINTO, Bruna Knob<sup>1</sup>; MUNIZ, Rosani Manfrin<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>UFPel- [brunaknob@hotmail.com](mailto:brunaknob@hotmail.com)

<sup>2</sup>UFPel – [romaniz@terra.com.br](mailto:romaniz@terra.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Originário do latim, o termo resiliência (*resiliens*) significa saltar para trás, voltar, ser impelido, recuar, encolher-se, romper. Na língua inglesa, *resilient* sugere à idéia de elasticidade e capacidade rápida de recuperação, bem como a habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças e dificuldades.

Nas Ciências Físicas, o conceito de resiliência tem como um de seus precursores o cientista inglês Thomas Young, que em 1807, considerando tensão e compressão, introduziu pela primeira vez a noção de módulo de elasticidade, no qual buscava entender qual a relação entre a força que era aplicada em um corpo e a deformação que esta força produzia (YUNES, 2003). Tendo por bases estas idéias, pode-se entender a resiliência como sendo a capacidade que alguns materiais têm de recuperar-se novamente depois de dobrados, comprimidos ou expandidos, voltando ao seu estado original.

A utilização do conceito de resiliência no campo das Ciências da Saúde data da década de 70, com estudos sobre pessoas que a despeito de terem sido submetidas a traumas agudos ou prolongados – fatores considerados de risco para o desenvolvimento de doenças psíquicas - não adoeciam como seria o esperado. Uma das primeiras pesquisas em que se cita a resiliência foi de Gayton, Friedman, Tavormina, e Tucker, (1977) sobre o impacto emocional em pessoas da família de crianças portadoras de fibrose cística.

Para Fergus e Zimmerman (2005), a resiliência é entendida como um processo interativo e dinâmico, em que o enfrentamento dos eventos traumáticos não conduz a trajetórias negativas de desenvolvimento. Neste processo, juntamente com os fatores de risco encontram-se os de proteção, que podem ser entendidos como aqueles capazes de promover a saúde ou minimizar impactos negativos decorrentes de traumas, podendo ser desde características individuais até o meio em que o sujeito está inserido dentro da sociedade.

Durante sua trajetória, o ser humano pode deparar-se com desajustes que podem ter diversos significados. Para alguns, podem representar experiências negativas, capazes de desestruturar o indivíduo, e para outros este mesmo desajuste pode ser visto como algo positivo, um momento capaz de proporcionar intenso crescimento pessoal. Neste sentido, tem-se como importante evento estressor o câncer, que segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2011) é o nome dado a um conjunto de mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado (maligno) de células que invadem os tecidos e órgãos, podendo espalhar-se (metástase) para outras regiões do corpo. E conforme a Organização Mundial da Saúde (2009) atinge cerca de 12,4 milhões de pessoas e ocasiona 7,6 milhões de mortes por ano no mundo.

Diante disto, tomando por exemplo de evento estressor o câncer, o presente estudo objetiva identificar qual a produção científica existente a cerca da ao tema proposto resiliência psicológica frente ao câncer.

## 2. METODOLOGIA

A partir do objetivo proposto, optou-se por realizar uma revisão integrativa. Para o levantamento dos artigos na literatura, foram realizadas pesquisas nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), U.S. National Library of Medicine National Institutes of Health (PubMed) e na biblioteca Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Foram utilizados, para as buscas, os descritores “*resilience psychological*” e “*neoplasms*”, com suas variações nas línguas portuguesa e inglesa, pesquisados nos dicionários DeCS e MeSH, juntamente com o operador booleano AND. Os critérios utilizados para inclusão foram artigos publicados em língua inglesa, portuguesa ou espanhola e apresentação de resumo para leitura, uma vez que a análise será baseada por este. Não foram utilizados limites temporais ou de faixa etária devido a poucas publicações encontradas referentes.

Visando facilitar a análise e discussão dos resultados, optou-se por construir um quadro analítico, constando os itens identificação (título, revista e autor), ano de publicação, país, tipo de estudo, objetivo, população e principais resultados de cada um dos artigos selecionados.

## 3. RESULTADOS

Foram encontrados trinta e quatro (34) artigos na base de dados PubMed, um na base de dados Lilacs e na biblioteca SciELO a publicação é inexistente. Destes, seis foram excluídos por não apresentarem resumo disponível e outros oito por não se adequarem a temática proposta. Não foram encontradas duplicatas de artigos. Assim, foram selecionados vinte e um artigos para análise, todos da base de dados PubMed, representando 61,76 %.

Analisando os artigos selecionados, observou-se que o tema resiliência psicológica frente ao câncer é um assunto novo no meio científico, visto que as primeiras publicações encontradas datam de 2008. Dos 21 artigos selecionados, um data de 2011 (4,76%), dez datam de 2010 (47,61%), sete (33,33%) de 2009 e três (14,28%) de 2008.

Dentre os países de origem, os Estados Unidos predominaram no número de artigos, contando com oito estudos (38,09%), seguidos por Hong Kong e Holanda com dois artigos cada (9,5%) e Taiwan, Suécia, Coréia, Japão, Reino Unido, Bélgica, Turquia, Alemanha e França com um artigo cada um (4,76%).

Quanto aos tipos de estudo, predominaram os estudos qualitativos, somando sete (33,33%) artigos, seguido dos estudos de caso-controle e os quantitativos, contando, respectivamente, com quatro artigos cada um, representando 19,04% da amostra.

Com relação aos objetivos, seis artigos (28,57%) estão relacionados à avaliação da forma ou dos fatores que influenciaram os sobreviventes de câncer a enfrentar e encontrar coragem para transpor esta trajetória, dois (9,52%) artigos fazem referência a angústia de pais de filhos portadores de câncer, seis (28,57%)

tratam das formas de resistência e enfrentamento de crianças, adolescentes ou adultos jovens ao câncer, cinco (23,80%) relacionam a mulher sobrevivente ao câncer e seu modo de enfrentamento da doença, um (4,76%) traz a percepção dos filhos frente aos pais com câncer e por último, um (4,76%) descreve o desenvolvimento do Inventário de Crenças Core (CBI), uma medida breve de perturbação desenvolvida para uso em pesquisa aplicada e prática clínica.

Como principais resultados apresentados pelos artigos tem-se que a auto percepção de saúde e bem-estar psicológico foram semelhantes nos sobreviventes em relação a população em geral, enquanto satisfação com a vida foi significativamente maior entre os sobreviventes, além disso, constata-se que pessoas resilientes são mais propensas a relatar estabilidade e otimismo frente ao enfrentamento do câncer. Em estudos com crianças, foi constatado não haver relação estatisticamente significativa entre a resistência e a idade, sexo, religião, existência de irmãos, idade da mãe, o desempenho acadêmico, duração da doença ou do tipo de câncer. Com relação aos genitores, quando confrontados com o câncer pediátrico, pais e mães tem reações e utilizam os apoios psicossociais de maneira distinta e muitos sentem-se despreparados para lidar com a situação.

#### 4. CONCLUSÃO

O câncer é reconhecido como uma doença crônico-degenerativa que atinge milhões de pessoas no mundo, independente de classe social, cultura ou religião. O impacto do diagnóstico é geralmente aterrador, pois apesar dos avanços terapêuticos, ainda permanece o estigma de doença dolorosa, incapacitante, mutilante e por vezes mortal. Assim, apesar dos recentes avanços no diagnóstico e tratamento da doença, que asseguram a remissão e possível cura, o câncer permanece como uma doença relacionada com a desesperança, dor, medo e morte (CAMARGO, 2000).

Dado seu potencial, a resiliência é um conceito que pode ser significativo para o redimensionamento das pesquisas das mais diversas áreas, em especial da oncologia, contribuindo para reflexões nos diversos aspectos que tangem a prática do campo da saúde. Isto porque o enfoque da resiliência pode ser uma fonte de inspiração e de orientação da nossa atenção. Porém, depende de nós definirmos o que queremos e o que podemos fazer com este instrumento de trabalho.

O desafio que a resiliência impõe à oncologia é expandir a utilização do conceito, visando à melhoria da qualidade de vida e a promoção de bem-estar do paciente. De acordo com os achados desta revisão, fica clara a importância e a necessidade do incremento na produção científica sobre a resiliência psicológica frente ao câncer.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. **Instituto Nacional do Câncer (INCA)**. Disponível em : [http://www1.inca.gov.br/conteudo\\_view.asp?id=322](http://www1.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=322) acessado em 05/07/11

CAMARGO TC. **O ex-sistir feminino enfrentando a quimioterapia para o câncer de mama: um estudo de enfermagem na ótica de Martin Heidegger.** [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2000.

FERGUS, S., ZIMMERMAN, M. A. (2005). Adolescent Resilience: A Framework for Understanding Healthy Development in the Face of Risk. **Annual Review Public Health**, 26, 399–419.

GAYTON, W. F., FRIEDMAN, S. B., TAVORMINA, J. F., & Tucker, F. (1977). Children with cystic fibrosis: I. Psychological test findings of patients, siblings, and parents. **Pediatrics**, 59(6), 888-9

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World Cancer Report**, 2008. International Agency for Research on Cancer, Lyon. 2009.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 75-84, 2003.